

O ROMEIRO

Movimento de Romeiros de São Miguel

www.mromeirosm.pt

MARÇO 2020

7 Entrada dos Ranchos da 1ª semana

7 Saída dos Ranchos da 2ª semana

19 Dia de São José

29 Dia Diocesano do doente



O chamado Mundo Ocidental de matriz judaico-Cristã tem sofrido, ao longo dos mais recentes anos, as mais diversas agressões vindas de setores sociais que pretendem destruir os seus valores fundacionais e nos quais acreditamos. Esse notório movimento inorgânico tem o simples mas maquiavélico “telos” de alterar ou ir alterando a forma de pensar e consequentemente de agir dos nossos povos. A mais recente incursão

que os inimigos da nossa fé fizeram foi essa campanha tremenda a favor da eutanásia ou morte assistida. Em nome de uma contemporaneidade, de uma espécie de superioridade cultural, banaliza-se o valor da vida como se fosse coisa transacionável e com a qual se pode acabar e retomar a qualquer momento e a qualquer pretexto. Não é aceitável para a nossa matriz cultural, clássica, renascentista, neoclássica, se assim quisermos, tamanha agressão fundada nas experiências dos

EVANGELIZAR

Povos do norte da Europa que, até há bem pouco tempo considerávamos bárbaros. Não deixaram de o ser.

Mateus, Marcos, Lucas e João, por esta ordem, foram os “relatores” que trouxeram até aos nossos dias os ensinamentos que Jesus. Nesta época em que retomamos os caminhos da nossa Ilha saibamos ser, cada um de nós, mensageiros dessa palavra. Sejamos, nós também, evangelizadores porque é grande a fé daqueles que em nós depositam toda a sua força de esperança. É enorme a fé daqueles que acreditam no poder (que de facto tem) a nossa corrente de oração. Não há cristão que não se abale à passagem de um Rancho de Romeiros rezando a Avé Maria cantada, e não há Cristão que não tenha, nessa hora, necessidade de acompanhar esse Rancho nem que seja por alguns minutos.

Nós, romeiros caminhantes, peregrinos mas sobretudo mensageiros temos obrigação moral de fazermos desta nossa caminhada um movimento evangelizador capaz de levar às nossas gentes a mensagem de Cristo. Essa responsabilidade é tão mais acrescida quanto é a fé que os nossos semelhantes depositam nas nossas orações.

A romaria é, na verdade, um caminho para a felicidade e para a salvação, não só do Romeiro peregrino mas também

e sobretudo daquele Cristão que faz a chamada romaria paralela. As famílias que ficam em casa; o irmão que fisicamente já não pode caminhar; aquele ancião que nunca foi na romaria e gostava de ter ido; aquela criança na beira da estrada que nos olha com os olhos brilhando e que um dia, tarde ou cedo, pegará o terço, o xaile e o lenço e caminhará connosco nesta viagem de fé. A romaria é um caminho de felicidade também para aqueles que nos seguem e nos aguardam num regresso de pessoa melhorada.

Voltamos às mesmas estradas, voltamos aos mesmos trilhos da nossa Ilha, às Igrejas costumeiras, nas mesmas horas, nos mesmos dias, quase com as mesmas pessoas, rezando e cantando as mesmas orações e os mesmos cânticos, mas um pouco melhor pessoas do que eramos há um ano, há dois anos, há vinte anos, porque cada ano que passa, cada romaria feita, muda para melhor as nossas atitudes e as daqueles que nos rodeiam e que somos capazes de influenciar.

Vamos, de novo, evangelizar.

Nuno Barata
Racho de Santa Clara

ROMARIA: CAMINHO DE FÉ, DE ESPERAÇA E DE AMOR

É difícil testemunhar o que é ser romeiro, porque se trata de uma experiência muito marcante, humana e espiritualmente. Quando arriscamos expressar em palavras o que se vive e se sente, fica sempre algo por dizer.

O meu primeiro contacto com as romarias e com os romeiros foi em casa da minha avó. Eu, bem pequenino, recordo-me quando dois pratos eram postos a mais na mesa para dar pernoita a dois homens, a quem chamávamos de irmãos. Também o meu pai, por alguns anos, foi de romeiro.

Em 1997, com 14 anos, fui de romeiro pela primeira vez. E só não fui antes porque a minha mãe não deixou: “Não vais conseguir! E anda-se muito... e se desistires, não te vou buscar... e só vais quando tiveres mais idade...etc.”, dizia-me ela, num rol de argumentos para me meter medo e fazer adiar algo que eu queria desde há muito.

Quando se vai de romeiro pela primeira vez em criança ou adolescente, a romaria é marcada mais pela descoberta, pelo convívio, pelo caminho físico. Naturalmente, não se tem ainda a capacidade de se fazer, a sério, uma romaria interior, espiritual. Contudo, a oração, mesmo que infantil e à pressa, é uma semente que fica dentro de nós, que nos abre a uma maior intimidade com Jesus, num convite constante a que tenhamos a certeza de que Ele está connosco. E, a partir daí, nunca mais somos os mesmos. A romaria é um caminho de Fé.

O ano ganha sentido a partir da romaria. Contam-se os meses que faltam para as semanas de preparação. Ao aproximar-se do tempo da Quaresma, a própria natureza exala a sensação de que estão próximas as romarias: “já cheira a romeiros”, dizemos nós. E, de novo, o frenesim jubiloso de voltar ao caminho, do reencontro dos irmãos e de levar na bagagem

tantos propósitos da nossa vida e da vida de tantos.

Não há romarias iguais. Em 19 anos consecutivos, nunca tive a sensação de que foi mais uma romaria. A intensidade da nossa disposição em sermos diferentes é o que diferencia e marca cada peregrinação. Se queremos uma romaria diferente, esta diferença começa por se fazer, em primeiro lugar, em nós, no concreto do que somos, nas situações da nossa vida, do que pretendemos para o futuro. A romaria é um caminho de Esperança.

O meu antigo pároco, Pe. José Gregório Amaral, uma vez desafiou-me a levar uma pergunta para ser refletida nos momentos de silêncio, nas escuras madrugadas, quando não houvesse voz humana... Uma pergunta que deveria ser feita a caminhar, acompanhada pelo som do vento e dos pássaros, das ribeiras que correm, na contemplação das belezas da ilha. O romeiro é frágil e, envolto na imensidão da natureza, reconhece-se pequeno. Sensível, abre-se com maior facilidade ao encontro e ao diálogo com Deus. E é aí, nesta união, que a romaria ganha sentido: o encontro com Aquele que nos chamou a estarmos ali.

“Que queres de mim? Que queres que eu faça?” Esta foi a pergunta de todas as romarias e de toda a minha vida. Consagrar a minha vida com a vontade de Deus é o meu maior desejo e, sem dúvida, a romaria é uma escola onde aprendi a escutar a voz de Jesus, o verdadeiro e único Mestre!

A nossa vida não se transforma através de perguntas, mas sim devido a respostas que nos levam a compromissos, à descoberta da nossa vocação, àquilo a que somos chamados. Foi na romaria de 2014, na madrugada de 6.ª-feira, entre a Feteira Pequena e São Pedro Nordestinho, que decidi, após anos a adiar, preparar-me para ir estudar para o Seminário e lá dis-

cernir se a minha vocação passa ou não pelo sacerdócio.

Se foi na romaria que decidi vir para o Seminário, atualmente, enquanto seminarista, não me é autorizado ir de romeiro, devido à exigência académica. Desde 2015, tenho feito outra romaria, a da obediência e da oração. Alguns irmãos romeiros diziam que “ficar atrás é a pior romaria”. E de que maneira...

Admiro o sentido comunitário das romarias: o ponto de partida é o mesmo que o ponto de chegada, ou seja, a igreja paroquial e a comunidade cristã. Saímos da nossa comunidade e regressamos à nossa comunidade. A romaria é a experiência do deserto, que nos dá a certeza de que a nossa Terra Prometida é onde cada um vive e é chamado à comunhão com Deus e com todos os irmãos, perpetuando na vida do dia a dia a emoção do romeiro caminhante.

Perante um vasto grupo de homens, com experiências de vida e de fé diferentes, as romarias são uma oportunidade para a Igreja, na medida em que são um “espaço” de evangelização. A Igreja, pescadora de corações livres e generosos, encontra nas romarias um mar de homens disponíveis a abraçar as redes e a deixarem-se apanhar por Cristo. E isto foi o que aconteceu comigo. A romaria é um caminho de Amor.

Jorge Sousa, 5.º Ano do SEA